

“OUVIU EM BUSCA DE LACUNAS”: O RESSENTIMENTO EM AMADA DE TONI MORRISON

“Listened Too for the Unnamed”: Resentment in Toni Morrison’s Beloved

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-17

Amanda Luzia da Silva*

RESUMO: À luz das teorizações de Friedrich Nietzsche sobre a origem moral do ressentimento, apresento uma análise das representações do afeto no romance *Amada* (1987), de Toni Morrison. Na casa de número 124 da Rua Bluestone, o rancor assume a forma do corpo de uma jovem morta-viva; instalada nesse espaço como moradora, ela ganha peso, paralisa o tempo e impede que os outros habitantes da casa sigam em frente. Ao colocar em cena o passado escravocrata dos Estados Unidos, a presença do ressentimento na narrativa convoca e, ao mesmo tempo, desloca as elaborações teóricas propostas por Nietzsche. O ressentimento é um afeto que envenena, que nega qualquer acerto de contas, que atualiza o passado e impede os mortos de morrer definitivamente. Entretanto, em face das atrocidades históricas, e em sintonia com Jean Améry (1977), talvez o caminho possível para não repetir os mesmos erros seja o de, às vezes, permitir-se envenenar.

PALAVRAS-CHAVE: Toni Morrison. Amada. Ressentimento. Friedrich Nietzsche. Jean Améry.

ABSTRACT: Drawing on Friedrich Nietzsche’s theorizations of the moral origin of resentment, I present an analysis of affection representations in Toni Morrison’s novel *Beloved* (1987). In house number 124 on the Bluestone Street, resentment takes the form of a young undead girl; resident in this space, she gains weight, paralyzes time and prevents the other inhabitants of the house from moving on. Resentment in the narrative both summons and displaces the Nietzsche’s theoretical underpinning when it puts on stage the United States’ slavery past. Resentment is a poisonous affection that denies any reckoning, updates the past and prevents the dead from dying definitely. However, in the face of historical atrocities, and in accordance with Jean Améry’s works (1977), perhaps the best way to avoid repeating the same mistakes is to allow oneself to be poisoned sometimes.

KEYWORDS: Toni Morrison. Beloved. Resentment. Friedrich Nietzsche. Jean Améry.

* Professora do curso de Licenciatura em Letras/Espanhol do Instituto Federal de Brasília (IFB) campus Ceilândia, mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda pelo programa de História e Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). ORCID: 0000-0002-7754-380X. E-mail: amanda.luzia(AT)ifb.edu.br

I

*Não era uma história para passar adiante. Então a esqueceram.
Como um sonho desagradável durante um sono agitado*¹.
(Toni Morrison. *Amada*)

*"Nossa moral de escravos não triunfará. Os ressentimentos –
que são a fonte afetiva de toda a moral autêntica, que foi
sempre a moral dos vencidos – têm essa escassa ou nenhuma
chance de obrigar os vencedores a engolir o fel de sua obra má.
Nós, as vítimas devemos 'dar fim' a esse rancor reativo, no
sentido em que usávamos essa expressão no campo de
concentração: 'matar'. Devemos morrer. Brevemente estaremos
mortos. Até lá, pedimos paciência àqueles cuja tranquilidade
perturbamos com nosso rancor."*

(Jean Améry. *Além do Crime e Castigo*)

Nas linhas iniciais do prefácio de *Amada* (Beloved, 1987), Toni Morrison relata as circunstâncias que a levaram à figura forte e emblemática de Margaret Garner (1834–1858): uma jovem negra que foi presa em Ohio, nos EUA, tentando escapar da escravidão. Garner ficou conhecida ao ser condenada pelo assassinato de um de seus filhos e por atentar contra a vida dos outros, em um ato convicto de que somente a morte impediria que estes fossem devolvidos à condição de escravizados. A conduta equilibrada, somada a uma aparente ausência de arrependimento na moça, de apenas 23 anos, impressionou abolicionistas que, naquele período, assistiam ao cumprimento da lei *Fugitive Slave Act of 1850*, cuja determinação era de que, uma vez capturado, o escravizado deveria impreterivelmente ser reconduzido ao dono, mesmo nos casos em que o fugitivo se encontrasse em estados não escravistas. Por conta disso, Garner tornou-se um ícone, um dos maiores exemplos de denúncia do horror infringido contra mulheres e homens de pele negra: era ela uma mãe que preferia ver os filhos mortos a entregá-los com vida à escravidão.

Após a menção à história da jovem escravizada, Toni Morrison devolve com afirmativa convicção uma frase que pode ser recebida de forma incômoda pelo leitor: "A Margaret Garner

¹ As citações do romance serão acompanhadas dos originais em rodapé: "*It was not a story to pass on. So they forgot her. Like an unpleasant dream during a troubling sleep.*" (MORRISON, 1995, p. 276)

histórica era fascinante, mas, para um romancista, era limitadora” (MORRISON, 2011, p. 14)². Como, em qualquer circunstância, uma vida humana e, especificamente, uma vida como a de Margaret Garner poderia ser considerada limitadora? É possível imaginar que Morrison aludisse à escassez de documentos e de testemunhas sobre a história real de Garner; ou, ainda, à morte prematura da jovem, aos 24 anos, causada por febre tifoide. Essas são hipóteses que apontam a um impasse real presente no trabalho do biógrafo, oferecem-se, portanto, como respostas possíveis sobre as razões que levaram Morrison a se referir à história real de Garner daquela maneira. Contudo, elas se mostram igualmente limitadoras, pois além das dificuldades em reconstituir a Garner histórica, a afirmação da escritora norte-americana coloca em cena a complexa e intrincada relação da Literatura com a Historiografia.

A frase sinaliza a posição que escritora decide ocupar: Morrison deixou de lado o mundo dos fatos históricos de Margaret Garner para narrar a história de Sethe, personagem que existe somente no espaço da literatura. Entretanto, ao escolher escrever um texto literário, Morrison não perde o lastro com a história, ao contrário, a literatura autoriza a romancista a ir além da própria literatura: no momento em que abandona a escrita de uma história individual – escrever uma biografia –, a escritora passa a caminhar em um terreno fronteiro, lugar onde as vozes silenciadas na historiografia começam a reverberar e outra história passa a ser (re)encenada em paralelo à de Sethe: a história de um trauma vivido coletivamente por afro-americanos nos Estados Unidos.

II

O número 124 da Rua Bluestone sofre uma profunda mudança com a chegada de Paul D Garner. Viviam na casa, até então, Sethe – que acaba por compartilhar com o homem as memórias do passado de escravidão – e Denver, a única dos quatro filhos a permanecer ao lado da mãe. “O 124 era rancoroso” (p. 19): esta é a frase de abertura de *Amada*, romance que terá como protagonista a filha morta de Sethe. A criança sem nome (unnamed) ainda engatinhava quando, em um ato de terror e desespero, a mãe lhe corta a garganta,

² Todas as citações do romance serão extraídas da edição da Companhia das Letras, com tradução de José Rubens Siqueira, conforme mencionado na bibliografia. Doravante o nome de Morrison e a data de publicação serão suprimidos, mantendo apenas o número da página correspondente ao excerto.

condenando-a a uma morte prematura, mas, ao mesmo tempo, salvando-a de uma vida sem liberdade na antiga fazenda Doce Lar – um lugar que definitivamente não era doce e, muito menos, podia ser chamado de lar.

A casa de Sethe é povoada de memórias ruins, manchada pelo sangue dos negros que por ali passaram, mas também é habitada por um fantasma rancoroso, que assombra as duas mulheres e protege a casa de supostos intrusos:

O 124 era rancoroso. Cheio de um veneno de bebê. As mulheres da casa sabiam e sabiam também as crianças. Durante anos cada um lidou com o rancor de seu próprio jeito, mas em 1873 Sethe e sua filha Denver foram as únicas vítimas. (p. 19)³

Na sua primeira noite no 124, Paul D expulsa o espírito que, ressentido, engatinhava pelo chão da cozinha. A chegada do antigo companheiro de cabana de Sethe não provoca mudanças apenas em relação à assombração, que desaparece repentinamente após 18 anos, mas desenterra também uma série de lembranças que nenhum deles, nem mesmo o próprio Paul D, gostaria de tocar.

Os diálogos, repletos de silêncios e de não ditos, trazem à mesa de jantar o passado dos dois ex-escravizados. A dor – não mais do espírito melancólico, mas das moradoras e do hóspede – é alimentada na partilha de segredos nunca revelados, de eventos que vêm à tona, de feridas que, embora tenham sido cicatrizadas pelo tempo, ainda provocam sofrimento. Fragmentada, a memória dos ex-escravizados recupera imagens inenarráveis: a cara lambuzada de manteiga e os olhos cheios de temor de Halle, esposo de Sethe; a boca carregada de espuma, de saliva e de gosto de ferrugem do freio de ferro instalado no rosto de Paul D; os gritos de Seiso que, após a captura, queimou até a morte; os dentes sujos de musgo do rapaz pendurado nos seios maternos de Sethe. A memória havia retido imagens fortes demais para serem esquecidas e funestas demais para serem contadas em voz alta. Como narrar essas experiências? Os dois ex-cativos ouvem um ao outro, enquanto os espaços vazios na memória passam a ser preenchidos; a partilha de histórias traz novas informações ao que antes era

³ “124 WAS SPITEFUL. Full of a baby's venom. The women in the house knew it and so did the children. For years each put up with the spite in his own way, but by 1873 Sethe and her daughter Denver were its only victims.” (MORRISON, 195, p. 5)

apenas imaginação ou hipóteses inconclusivas, mas não provoca alívio à dor. Não há reparação, o 124 é um espaço onde o rancor parece ter se instalado definitivamente:

Ela sabia que Paul D estava acrescentando alguma coisa a sua vida – alguma coisa com que ela queria contar, mas de que tinha medo. Agora ele acrescentara mais: novas imagens e velhas lembranças que lhe partiam o coração. No espaço vazio de não ter notícias de Halle – um espaço às vezes colorido de injustificado ressentimento pelo que podia ter sido covardia dele, ou burrice, ou má sorte –, aquele lugar vazio de nenhuma notícia definitiva se enchia agora de uma tristeza nova em folha e quem podia saber quanto mais estava a caminho. (p. 144)⁴

O teor lúgubre da narração dá o tom: a linguagem de Morrison é seca, sem rodeios, possui uma beleza cortante. O leitor sorve o fel de uma prosa amarga e indigesta. Como narrar a dor do chicote que imprimiu nas costas de Sethe cicatrizes permanentes? A pergunta ecoa no silêncio. A moça branca Amy viu nas longas e volumosas estrias a forma de uma árvore de arônia, mas apesar de bonita, a imagem não traduz o sofrimento, ao contrário, provoca repulsa, incômodo em Paul D. A despeito das imagens fragmentadas e desse mosaico incompleto, cheio de vazios do passado, Toni Morrison coloca-nos em um tempo preciso, em 1873, em um Estados Unidos pós-Guerra Civil ainda cheio de feridas recentes, de injustiças a serem reparadas, de dívidas a serem pagas. Mas como pagar a dívida da escravidão? De negros capturados e sequestrados, de mulheres e homens que nasceram e morreram em cativeiro? Como reparar as “sessenta milhões e mais” de vidas humanas condenadas à existência dura e sem beleza dos *plantations*, obrigadas a trabalhar e a servir a todo tipo de demandas de seus senhores? “Sessenta milhões e mais”: a dedicatória coloca na ponta do lápis a escala destrutiva do empreendimento escravocrata no país. A conta não fecha, e os injustiçados, com suas vozes silenciadas no açoite, reclamam agora a parte que lhes cabe nesta dívida histórica.

Por essa razão, o ressentimento povoa o espaço narrativo de *Amada*, até o momento em que, em carne e osso, a menina morta decide retornar e habitar o 124. A ressentida chega cansada à casa de Sethe, dorme por dias inteiros, come como se em 18 anos não houvesse

⁴ “She knew Paul D was adding something to her life—something she wanted to count on but was scared to. Now he had added more: new pictures and old memories that broke her heart. Into the empty space of not knowing about Halle—a space sometimes colored with righteous resentment at what could have been his cowardice, or stupidity or bad luck—that empty place of no definite news was filled now with a brand-new sorrow and who could tell how many more on the way.” (MORRISON, 195, p. 95)

colocado nada de quente no estômago. As mulheres acalmam-se com a sua presença luminosa, a pele de Amada brilha, algo que incomoda o único homem da casa, o hóspede, Paul D. A beleza e o viço da pele da moça contrastam com seu espírito pesado, preguiçoso, comilão. Faminta, ela consegue tudo o que quer: expulsar o intruso, manter Sethe confinada na casa junto de si. A mãe, que cometeu o crime irreparável de amar a ponto de matar a própria filha, vê na jovem uma segunda chance, mas é sugada e consumida pela presença da morta-viva. Sethe emagrece, mirra, diminui, enquanto Amada cresce, engorda, assume nas formas exteriores o peso de seu espírito rancoroso.

Enquanto isso, os vizinhos, também ex-escravizados, ignoram o que se passa no 124. Eles evitam chegar perto da casa, mantêm distância de todos os que ali fazem morada. O foco narrativo perspicaz e sofisticado de Toni Morrison nos permite viajar no tempo. O narrador é um focalizador, e do seu caráter transitório sai uma voz polifônica, um tempo desmembrado, uma pluralidade de olhares – observados tanto no uso do discurso indireto livre, como nos momentos em que as personagens roubam a palavra e assumem o foco narrativo. Sabemos, através de sua lente multifocal, da existência de Baby Suggs, sogra de Sethe. Uma ex-escravizada que obtém a alforria graças ao trabalho e aos esforços do único filho que pôde chamar de seu, Halle. A sogra de Sethe atraía seguidores e almas desesperadas para o 124, era ela a mentora mística da comunidade de ex-cativos da Rua Bluestone. A casa, povoada nos tempos de Baby Suggs, perde os frequentadores no dia em que Sethe avista os cães e o homem que atende por seu senhor, corre até o celeiro com os quatro filhos e, em um gesto de terror e completo desamparo, sacrifica a bebê – muito pequena para falar, ainda sem nome, mas já engatinhando. Sethe sabia que a captura a levaria de volta ao cativeiro, condenaria os filhos a uma vida de violações. Depois daquela tarde, nenhum dos fiéis frequentadores foi capaz de cruzar a porta amaldiçoada do 124. Aqueles que conheciam a história de Sethe não podiam perdô-la: matar a própria filha não tem perdão, este é um fardo pesado que a mulher deverá carregar sozinha, sem a comunidade, que decide lhe virar as costas. Imperdoável até mesmo para uma alma sem rumo como a de Paul D que, persuadido pelos demais, foge da casa. Não é a morta-viva, é o “amor espesso” de Sethe pelos filhos que o aterroriza.

III

Com vistas a essa comunidade de ressentidos adentramo-nos, ao lado de Toni Morrison, em um terreno incômodo, em um latifúndio de proporções incalculáveis pago pelo suor, pelo sangue e pelo sofrimento de escravizados em cativeiro, espaço onde a terra não encobre mais os seus mortos. No texto de Morrison, eles se levantam para cobrar justiça: “era armar uma tenda num cemitério habitado por fantasmas muito eloquentes” (p. 14)⁵. Diante desse cenário montado para nos assombrar como leitores, faz-se necessário investigar como, no campo teórico, o tema do ressentimento foi tratado, um afeto que, como veremos, assume um caráter negativo ao longo da História Ocidental⁶.

Maria Rita Kehl, em seu livro *Ressentimento* (2004), enumera uma série de afetos que compõem a chamada “constelação maligna”, são eles: rancor, desejo de vingança, raiva, maldade, ciúmes, inveja, malícia. Apesar de rotineiros e comuns, poucas são as pessoas que reconhecem senti-los. Afinal, quem tem a audácia de se declarar rancoroso, invejoso ou vingativo? A vergonha de assumir afetos como o ressentimento demonstra não somente uma negação àquilo que sentimos, como também o componente moral que regula nossas respostas

⁵ A edição inglesa que usamos não apresenta o prefácio escrito por Morrison, por isso, não incorporaremos a tradução nesses casos.

⁶ Faremos uso o termo “afeto” a partir da conceituação proposta pela teoria psicanalítica, a distinção vocabular é necessária para o argumento que pretendemos construir em torno do ressentimento. Para Freud, o afeto é um representante da pulsão e, como conceito que retoma a etimologia da palavra, conserva não apenas o aspecto psíquico, mas também o motriz: do latim *facere* é agir, fazer; e *affectus* (participio passado de *afficere*) é tocar, comover o espírito, provocar movimento interno. O afeto como uma comoção, como uma descarga disparada pelo corpo em resposta a um excesso de energia psíquica. Por isso, os afetos podem provocar sensações diversas no corpo, sejam elas prazerosas ou não. Em um de seus textos mais antigos, “Sobre el mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos” (1893), Freud observa como os afetos se manifestam desconectados do conteúdo que provocou essa reação: “Mientras que la persona sana podría comunicar la impresión que la aflige, la histérica respondería que no la conoce, y de tal suerte quedaría planteado el problema: ¿a qué se debe que el histérico caiga presa de un afecto sobre cuyo ocasionamiento afirma no saber nada? Si uno mantiene la inferencia de que es forzoso que exista un proceso psíquico correspondiente, pero además da crédito a la aseveración del enfermo, que desmiente ese proceso; y si uno reúne los múltiples indicios de los que surge que el enfermo se comporta como si empero supiese el porqué, si explora su biografía y descubre en esta una ocasión —un trauma— apropiada para producir justamente tales exteriorizaciones afectivas, todo ello impone una solución: el enfermo se encuentra en un particular estado anímico en que ya no todas sus impresiones ni sus recuerdos se mantienen cohesionados en una entramadura única, y en que cierto recuerdo puede exteriorizar su afecto mediante fenómenos corporales sin que el grupo de los otros procesos anímicos, el yo, sepa la razón de ello ni pueda intervenir para impedirlo.” (FREUD, 1991 [1893], p. 21). Como podemos observar no fragmento, Freud reconhece um processo de clivagem entre um afeto e o conteúdo doloroso que o provocou, a descarga afetiva traz indícios de um evento – de um trauma – que aconteceu, mas que foi esquecido conscientemente. O afeto é, portanto, um indício de que, embora a memória não reconheça perfeitamente os acontecimentos, o evento traumático de fato ocorreu.

afetivas em relação ao outro. É sempre a outra pessoa que é invejosa, rancorosa, ressentida. A insistência no olvido – ou, pelo menos, a tentativa de mascarar-lo na pele de gestos e palavras mais aceitos moralmente – aponta, no caso do ressentimento, ao caráter incontornável da injustiça: o ressentido reclama de uma dívida que nunca será paga, insiste em permanecer em um passado que não pode ser vivido de outra maneira, o que torna inútil o sofrimento. A má consciência repele: por que insistir em uma mágoa que em nada ressarce, não provoca alívio, ao contrário, parece apenas atualizar e intensificar ainda mais a dor? Ora, a negação ao ressentimento é tamanha que nem mesmo Freud, no vasto encadeamento de afetos abordados em sua obra, se dedicou ao assunto diretamente: “O termo ressentimento não é nem ao menos mencionado no Vocabulário da Psicanálise da Laplanche e Pontalis. Como explicar essa ausência?” (KEHL, 2004, p. 25).

No contexto da clínica psicanalítica, Kehl debruça-se sobre esse afeto que reverbera na fala de pacientes, daqueles que lamentam as injustiças pelas quais foram submetidos, eximem-se da culpa, a qual é regularmente dirigida a um outro. Nesse sentido, o ressentimento pode se tornar uma moeda de troca falsa durante o processo de análise, uma vez que não é raro o psicanalista condescender aos lamentos de um ressentido. Operando em um “o erro é do outro e não meu”, o sujeito se ressent de pessoas, de eventos e de situações que muitas vezes justificam os queixumes. A empatia por aquele que sofreu o perjúrio é instantânea, pois ele se apresenta como um injustiçado, coloca-se como alguém profundamente comprometido consigo mesmo, alguém cuja integridade moral impede que se faça qualquer tipo de “acerto de contas”. Entretanto, como ressalta Kehl, se o analista corroborar o discurso do ressentimento, ele pouco ajudará o paciente a sair desse lugar estagnante que o impede de seguir em frente. Kehl se dirige aos analistas e, em forma de advertência, orienta-lhes para que tenham cautela no trabalho de análise de pacientes que sofrem do sintoma, pois quanto maior for a validação externa, mais difícil será para o paciente assumir a responsabilidade por aquilo que lhe faz sofrer (cf. KEHL, 2004, p. 34).

Por essa razão, o ressentimento assume um caráter paradoxal na relação entre o sujeito ressentido e o ouvinte que se dispõe a escutar as suas lamentações, eis o ponto fulcral que

revela a atualidade do problema⁷. De um lado, condescendemos ao sofrimento do injustiçado, o entendemos como alguém sensível e machucado, com ele clamamos para que algo seja feito, mas, de outro, colocamos o ressentimento no lugar dos afetos a serem evitados:

Como se vê, o ressentimento é um afeto que ‘não ousa dizer seu nome’. Quando nomeado, revela sua face negativa, de envenenamento psíquico e moral; mas, quando é velado por uma pretensa pureza moral, goza da adesão e da simpatia da maior parte das pessoas. (KEHL, 2004, p. 29)

Revestido da couraça maligna de um rancoroso que espera a vingança como quem espera um prato para se comer frio, o lugar do ressentimento é o da denegação. A identificação com o sofrimento alheio só ocorre na medida em que o sujeito não nomeia o que sente: não se postula como um rancoroso, um ressentido, mas como uma vítima a quem a justiça lhe foi negada. Em síntese, trata-se menos de corroborar as queixas, ou de exaltar o ressentimento, mas de aprender a reconhecê-lo e não ter receio de nomeá-lo.

O tema do ressentimento ocupa um lugar de destaque em toda a obra de Friedrich Nietzsche. Em seu livro *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche debruça-se sobre as origens dos polos valorativos “bom” e “ruim” – ligados à aristocracia – e “bom” e “mau” – ligados à moral dos escravos⁸. Para o filósofo, o conceito de “bom” foi um valor elaborado pelos nobres, pelos

⁷ Entendo que algumas dúvidas podem surgir a partir da escolha do termo ressentimento nos debates que envolvem questões raciais. Normalmente, observo o seu uso no sentido mais patético – inclusive Maria Rita Kehl dará ênfase a este aspecto quando propõe uma “estética do ressentimento” em seu livro (KEHL, 2003, p. 187) –, por exemplo, o do homem branco ressentido porque julga como injustas políticas afirmativas, tais como as cotas raciais para ingresso nas universidades. Considero plausível o uso do ressentimento nesse contexto, contudo, neste trabalho, não abordo esse afeto pela via de uma ostentação ingênua e melodramática de uma pretensa injustiça na lógica dos privilégios de classe, mas como um afeto que pode *também* nos (re)conectar a eventos traumáticos. É, sim, um sintoma que nos oferece indícios para entender melhor um passado obliterado.

⁸ É importante enfatizar a diferença na escolha dos termos *escravizado* e *escravo* empregados neste trabalho. O uso de *escravizados* refere-se à condição de cativo e trabalhos forçados do processo de *escravização* moderno e colonial e o termo *escravo* é empregado na tradução para o português do texto de Nietzsche. *Escravo*, no texto de Nietzsche, aponta a uma distinção de classe – aristocratas e escravos –, ao caráter religioso presente nas origens da moral cristã (os herdeiros da moral dos escravos, no caso específico, os judeus) e, sobretudo, a uma condição sintomática: aquele que é escravo de sua consciência moral, o ressentido, o fraco, aquele que recua, que não exterioriza a sua força. No artigo “Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade”, Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Adriano Rodrigues dos Santos defendem o cuidado na escolha de um termo no lugar de outro: “podemos notar que escravo aparece como o sujeito em disjunção com o querer e, conseqüentemente, com o poder agir, pensar e até viver por si. Já os usos contemporâneos que têm sido feitos do vocábulo *escravizado* para se referir à *escravidão* negra parecem ter como propósito resgatar o contexto e a relação histórico-social referente ao período *escravocrata*, evocando ressonâncias semânticas do pressuposto de

vencedores, tendo a si mesmos como parâmetro de valoração. Razão pela qual o "sim" é a medida de valor que constitui o caráter ativo da nobreza, isto é, a possibilidade de exercer a força e a superioridade sobre os mais fracos, não recuar:

Os juízos de valor cavalheiresco-aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo que envolve uma atividade robusta, livre contente. (NIETZSCHE, 2004, p. 19)

Nietzsche observa que, na alma do nobre, a mágoa se desgasta rapidamente, não finca terreno na memória, por isso, não chega a envenenar o seu espírito. O rival é alguém como ele, cheio de virtudes, enquanto aqueles que são subjugados à baixa hierárquica não são sequer considerados como adversários. O nobre rivaliza outro nobre, ressalta o oponente pelas suas qualidades, ambos são honrosos e valentes. Um inimigo covarde não lhe interessa. Pensando na hierarquia do servilismo, as classes ditas "inferiores" não são colocadas em um patamar de disputa pela honra, pois não há equidade possível na relação entre um nobre e um escravo.

Diferentemente dos valores nobres, a moral dos escravos está estruturada em outra relação com o rival e apresenta-se como uma força reativa em resposta a uma ofensa anterior⁹. Note-se que se trata de dois momentos diferentes: no primeiro, a passividade diante do perjúrio; no segundo, a reação passiva contra aquele lhe causou sofrimento. Para Nietzsche, é a moral dos escravos que conceitua e fixa o "não" como resposta. A ele é negada a possibilidade de ação, e essa negação modifica os valores de "bom/ ruim" para "bom/ mau". Aquele que exerce a força sobre os demais é mau, o bom é aquele que se nega a agir, que decide não sujar

responsabilização e de opressão pelo processo de escravização. Escravizado, nessa perspectiva, remete a um campo semântico distinto daquele construído e constituído em torno do vocábulo escravo. Escravo conduz ao efeito de sentido de naturalização e de acomodação psicológica e social à situação, além de evocar uma condição de cativo que, hoje, parece ser intrínseca ao fato de a pessoa ser negra, sendo desconhecida ou tendo-se apagado do imaginário e das ressonâncias sociais e ideológicas a catividade dos eslavos por povos germânicos, registrada na etimologia do termo." (TAILLE; SANTOS, 2012, s/p). Corroboramos a necessidade de tais distinções vocabulares, por essa razão, o termo escravizado será usado para se referir ao contexto do romance de Toni Morrison e escravo, ao de Nietzsche.

⁹ Para Maria Rita Kehl, ações reativas se encontram fora do domínio radical de ato. Citando Slavoj Žižek, a autora insere em seu livro uma nota de rodapé esclarecedora: "Um ato sempre envolve um risco radical, o que Derrida, seguindo os passos de Kierkegaard, chamou de loucura da decisão: é um passo no desconhecido, sem garantias quanto ao resultado final. Por quê? Porque um Ato altera retroativamente as próprias coordenadas em que interfere. Essa falta de garantias é o que os críticos (da noção de Ato) não podem suportar: eles querem um Ato sem riscos" (*apud* Kehl, 2004, p. 139).

as mãos. No momento em que a justiça é protelada, e o sentimento de vingança é reprimido, o ressentimento se instala na memória, provocando um envenenamento psíquico. O rival passa a ser um inimigo, um portador da maldade. Nessa associação, semelhante aos nobres, o escravo toma a si mesmo como referência e parâmetro de bondade, agregando-se também ao “bom” a ideia de humildade e superioridade moral. Por isso, o outro recebe um estatuto diferente: ele é mais do que ruim, ele é mau.

Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (...), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofrendores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há a bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados malditos e danados!” (NIETZSCHE, 1987, p. 30)

Nietzsche indaga-se: quais são as consequências da moral engendrada pelo ressentimento? Uma espécie particular de doença: o tempo paralisa, pois o ressentido passa a viver no passado, não confronta seus inimigos e fracassa na invectiva nietzschiana para a verdadeira liberdade: “tu te tornas que és”. O inimigo mais forte passa a ser o mal e o eterno culpado pela infelicidade do sujeito ressentido. Colocando em pauta o seu aspecto reativo, Nietzsche critica a moral dos escravos, pois o ressentimento seria uma característica típica dos fracos. Nesse ponto, ele se volta à religião cristã, que adicionou um efeito artificial à moral dos escravos: projeta-se, então, a vingança para um segundo momento, adiando o acerto de contas para um *a posteriori*, no pós-morte. Deus assume aqui o papel do vingador, do juiz que apresentará o débito de cada um, cobrará a libra de carne que o inimigo lhe deve; não cabe, portanto, ao cristão – com a sua alma humilde e superior – exercer o trabalho atribuído à instância divina. Nietzsche defende que, para o ressentido, a vingança é imaginária e sempre adiada:

Esses fracos – também eles desejam ser os fortes algum dia, não há dúvida, também o seu “reino” deverá vir algum dia – chamam-no simplesmente “o Reino de Deus”, como vimos: são mesmo tão humildes em tudo! [...] Recompensado pelo quê? E como?... Parece-me que Dante se enganou grosseiramente, quando com apavorante ingenuidade, colocou sobre a porta do inferno a inscrição “também a mim criou o eterno amor” – em todo caso,

seria mais justificado se na entrada do paraíso cristão e sua “beatitude eterna” estivesse a inscrição “também a mim criou o eterno ódio” (NIETZSCHE, 2007, pp. 39-40)

Como podemos observar no excerto, a pretensa humildade da moral cristã guarda, na alma rancorosa do fiel, o seu oposto: a crença cega na superioridade moral. A justiça triunfará, mas não será ele quem sujará as mãos de sangue. Outro problema de difícil resolução: se a vingança se torna “um prato que se come frio”, se torna uma justiça executada por uma entidade divina, o ressentido fincaria os seus pés numa fraqueza não apenas ligada à reação, como Nietzsche coloca, mas também acrítica: a apatia diante da injustiça. Ao não esperar que já nessa vida a justiça seja feita, o ressentido condescende ao seu agressor e à sociedade que perpetua a injustiça, a desigualdade. Passamos novamente ao alerta de Kehl, o sujeito do ressentimento não assume a responsabilidade por aquilo que sente: “a culpa é sempre do outro e quem cobrará a dívida tampouco serei eu”. Estagnado no terreno sujo de sangue, compactuando com a manutenção do *status quo*, o sujeito se exime de qualquer culpa, do impulso para ação, ou mesmo da própria atitude reativa supostamente fomentadora da moral dos escravos.

IV

Contra o argumento de Nietzsche, Jean Améry, no livro *Além do Crime e Castigo. Tentativas de superação* (1977), apresenta cinco ensaios autobiográficos que propõe uma investigação profunda e honesta de sua condição (inalterável) de vítima do Holocausto. Améry passou cerca de 642 dias preso em Auschwitz. Quando foi resgatado, em 15 de abril de 1945, pesava 45 quilos. As torturas e traumas que sofreu durante a Segunda Guerra deixaram feridas não cicatrizadas; por isso, ele descreve as razões pelas quais ainda alimenta certo ressentimento pelos nazistas. No livro, Améry se dirige ao leitor, o *mitmench* – aquele capaz de se colocar na pele do outro, – e, em forma de testemunho, relata esse passado doloroso que insiste em ruminar. Em 1978, Améry comete suicídio; um ano antes, ele reeditava estes ensaios escritos originalmente 1966:

Escrevi este livro há mais de treze anos. Não foram anos bons (...). Já não é assunto superado? Este texto não mereceria uma nova elaboração? No entanto, ao reler o que escrevi, descubro que reescrevê-lo seria um engodo, um tributo jornalístico à atualidade, pois não estou disposto a eliminar nada dele nem tenho nada de substancial a lhe acrescentar. Sem qualquer dúvida: todas as monstruosidades vividas anulam o fato de que para mim permanece obscuro (...) como, no seio do povo alemão, um povo de grande inteligência, de produtividade industrial e riqueza cultural únicas, um povo de “poetas e pensadores”, ocorreu aquilo de que trato em meus textos. (AMÉRY, 2013, p. 5)

No quarto ensaio, dedicado ao ressentimento, Améry coloca a si mesmo e ao leitor em um lugar incômodo, ele deseja analisar em profundidade esse afeto que admite não compreender completamente: “Serei grato ao leitor se quiser me acompanhar, mesmo que em algum momento lhe sobrevenha o desejo de largar o livro” (AMÉRY, 2013, p. 108). Como um sobrevivente do Terceiro Reich e diante da imagem da próspera Alemanha que renasce depois da derrota na Segunda Guerra, Améry busca descrever as razões por que não consegue alegrar-se com o clima de superação e reconciliação instaurado no país. Sob o *páthos* do perdão e em nome de uma “paz mundial”, era acordado que os 12 anos de governo nazista havia sido um lapso e que deveria ser esquecido, deixado no passado; com a cumplicidade, é claro, de que nada semelhante pudesse voltar a acontecer. A Alemanha redimida – como uma nação que carregava a culpa pelos crimes do passado recente, pela derrota na guerra e pela compreensão de que a justiça havia triunfado – incomoda Améry, cujo ressentimento não consegue remoer silenciosamente; ele se posiciona, deseja que aceitem, que consintam seu rancor. Tudo isso porque o escritor entende que o ambiente de estabilidade e sobriedade política esconde o desejo de que a nação volte a ser grande e poderosa novamente, o que naquele momento podia significar o recrudescimento de um nacionalismo reacionário.

Os anos passaram, o relógio andou e, em 1966, os discursos do pós-guerra já apontavam cada vez menos ao arrependimento, a ponto de muitos alemães começarem a defender que eles mesmos “não alimentava nenhum rancor contra os judeus” (AMÉRY, 2013, p. 113). Améry observa essas torções discursivas e nota como o terreno da precipitada reconciliação torna-se “fértil para os ressentimentos”: “Evitava falar a sua língua, que também

era a minha, e adotei um pseudônimo de sonoridade romântica. Eu não sabia que o relógio da política mundial já havia marcado uma nova hora” (AMÉRY, 2013, p. 111)¹⁰.

Ao nomear o afeto e ocupando o lugar do sujeito ressentido, Améry volta-se a Nietzsche e observa como o filósofo e a psicologia moderna condenaram esse estado da alma como uma categoria moral e como um conflito perturbador. Embora entenda e concorde que se trata o ressentimento de uma doença – repetindo em eco o filósofo do eterno retorno –, Améry vê-se como um homem torcido (e doente), aquele que sofre de uma torção (como os braços durante a tortura) e se opõe ao saudável homem da retidão que jamais padece de ressentimentos. O homem reto não distorce o tempo, ao contrário, ele esquece o passado, segue em frente em favor do futuro de um bem comum.

Entretanto, Améry se recusa a ocupar esse lugar do esquecimento que ora lhe oferecem e decide se contrapor à sociedade que leva em consideração apenas a necessidade de sobreviver e não mais de se arrepender. Ele deseja que aquilo que foi considerado morto, foracluído, seja atualizado no presente, que o passado volte para anular a experiência traumática. Um desejo impossível, reconhece o ressentido. Esse passado vivo (morto-vivo, para Morrison) ganha novas torções na voz de Améry, os criminosos impunes provam que a moral dos ressentidos não venceu (teria Nietzsche se equivocado?), o veneno escorre pelo texto, Améry espera que seus torturadores sintam como os crimes que cometeram se tornaram uma realidade viva, moral, insistentemente atualizada para as vítimas que, sim, têm o direito de manter isso às claras, de dizer que ressentem.

Ora, o posicionamento de Améry não deixa de causar certo incômodo. Pois coloca-nos de volta a esse lugar estático do ressentimento do qual nos alertava Kehl: não há possibilidade para a reparação. Ao mesmo tempo, como é possível condenar alguém como Améry, que passou por experiências tão nefastas e padece por não conseguir esquecê-las? Talvez, não se trate apenas do campo da moral, mas também do da ética: o de respeitar a experiência alheia, de enxergar a necessidade de implicar-se na dor dos outros e de ouvir o que eles têm a dizer. Possivelmente a escuta não restituirá o sujeito ressentido – a palavra cura soa demasiadamente desrespeitoso –, mas, talvez, consiga ao menos lhe devolver algum alívio ao desamparo.

¹⁰ Jean Améry é o pseudônimo de Hans Meier.

IV

Ela enrolou uma faixa apertada no umbigo da bebê, enquanto ouvia em busca das lacunas – as coisas que os fugitivos não contam; as perguntas que não fazem. Ouvia também em busca das pessoas não nomeadas, não mencionadas que ficaram para trás. Sacudiu as pedrinhas de dentro dos sapatos de homem e tentou enfiar os pés de Sethe dentro deles. Não entravam. Com tristeza, ela rasgou os calcanhares dos sapatos, triste mesmo de destruir uma coisa tão valiosa. Sethe vestiu o casaco do menino, sem ousar perguntar se havia alguma das crianças. ‘Elas passaram’, disse Ela. ‘Selo levou alguns desse bando. Deixou na Bluestone. Não fica muito longe.’ Sethe não conseguia pensar em nada para fazer, de grata que estava; então, descascou uma batata, comeu, cuspiu, comeu mais um pouco em muda comemoração.¹¹
(Toni Morrison. *Amada*)

Diante do apelo ressentido de Améry, voltamos a *Amada* para buscar os pontos nos quais os dois textos encontram espaço para dialogar e como, no romance de Toni Morrison, as reflexões teóricas apresentadas neste estudo ganham novos contornos. Os cinco textos que compõe o livro *Para além do crime e Castigo* foram escritos para serem lidos em uma rádio alemã; neles, Améry volta-se aos jovens intelectuais alemães e apresenta-se como uma vítima da Segunda Guerra, em relatos que surpreendem tanto pela forma como pelo conteúdo¹². O que me interessa na comparação entre o ensaio de Améry e o romance de Toni Morrison é que, no primeiro, lemos o relato de um sobrevivente e, no segundo, a narração da história daquela que não sobreviveu, da morta, dos mortos inominados que a escravidão nos Estados Unidos

¹¹ “Ella wrapped a cloth strip tight around the baby's navel as she listened for the holes--the things the fugitives did not say; the questions they did not ask. Listened too for the unnamed, unmentioned people left behind. She shook gravel from the men's shoes and tried to force Sethe's feet into them. They would not go. Sadly, they split them down the heel, sorry indeed to ruin so valuable an item. Sethe put on the boy's jacket, not daring to ask whether there was any word of the children. "They made it," said Ella. "Stamp ferried some of that party. Left them on Bluestone. It ain't too far."Sethe couldn't think of anything to do, so grateful was she, so she peeled a potato, ate it, spit it up and ate more in quiet celebration.” (MORRISON, 1995, p. 93)

¹² No texto “O testemunho como ensaio – o ensaio como testemunho: Jean Améry nos limites do intelecto” (2017), Helmut Galle discute de que maneira o texto de Améry pode ser considerado como um testemunho exemplar e como um ensaio, refletindo sobre as contribuições que podem ser observadas no cruzamento dos dois gêneros: “Considerando a extrema liberdade formal atribuída ao gênero, seria ousado dizer que há um assunto e um estilo de escrita que sejam os mais apropriados para a forma ensaística. Isso, no entanto, é nossa intenção neste artigo. Alegaremos que o holocausto nazista é um assunto que, embora tenha sido tratado em praticamente toda e qualquer forma literária e científica, exige a representação ensaística para sua compreensão mais ‘completa’” (GALLE, 2017, p. 641).

fez questão de enterrar: "Se ainda está lá, esperando, quer dizer que nada nunca morre" (p. 64)¹³.

Nessa perspectiva, o tema da maternidade é essencial para tratar a questão do ressentimento na narrativa. No contexto da escravidão, essa discussão se faz necessária, é algo que não se pode perder de vista, uma vez que nem sempre era permitido às mulheres escravizadas criar laços com os filhos, amamentá-los ou escolher os seus nomes. Por essa razão, a amamentação, o nome próprio e o amor materno são temas tratados com delicadeza na prosa de Morrison, pois reconstruem o cenário terrível da escravidão norte-americana, fazendo-nos questionar o que significava ser mãe nesse contexto histórico. Na narrativa, tanto Sethe como Baby Suggs descrevem uma mescla de sensações e desejos: do amor pelos filhos ao remorso por terem falhado como mães. A velha senhora lamenta que o único filho que conseguiu criar foi Halle, mas o mesmo menino que trabalhou todos os fins de semana até comprar a alforria da mãe, falhou e não pôde ser um pai para os filhos de Sethe.

As relações de parentesco durante a escravidão norte-americana foram marcadas por separações incontornáveis e laços impossíveis de restituir, porque, em muitos casos, sequer existiram algum dia. Nesse sentido, o gesto fatal de Sethe contra Amada reproduz em ato a questão que temos perseguido neste texto: paralisar o tempo e impedir a separação. O tempo é distorcido no ato de amor de Sethe, o corte é simbólico e literal, mãe e filha firmam uma espécie de contrato – selado na culpa e no ressentimento – para não se separarem nunca. O retorno e a permanência na casa de Amada corporifica a impossibilidade de seguir em frente, ela pede para ter nome, para ter mãe, ela pede para ser amada. Os mortos eloquentes e rancorosos de Toni Morrison são barulhentos e continuarão a incomodar os ouvidos daqueles que insistem no apagamento dessa dívida histórica¹⁴.

¹³ "If it's still there, waiting, that must mean that nothing ever dies." (MORRISON, 1995, p. 36)

¹⁴ Observamos como o princípio dos mortos eloquentes pode ser desenvolvido também a partir da teoria do trauma. No livro "O Local da diferença" (2005), Marcio Seligmann-Silva recupera o conceito de cripta da psicanálise para discutir de que forma a inscrição da morte no violento e genocida século XX ganha uma corporeidade e impede passarmos por cima de acontecimentos tão terríveis: "A cripta é criada como resposta à incapacidade de enlutar, à recusa de introjeção. Assim como a teoria do trauma em Freud corresponde em linhas gerais a uma tentativa de dar conta de uma nova realidade psíquica e social do homem moderno – incluindo aí a realidade cotidiana violenta e a do terror das guerras – do mesmo modo seria equivocado desvincular a teoria da cripta da experiência histórica do século XX. A escalada demográfica, tecnológica e bélica desse período gerou um número tal de assassinatos como nunca antes poderia ter ocorrido. Essa realidade da morte é gritante na mesma medida

Com efeito, outro aspecto relacionado ao tema da maternidade no romance é o do nome próprio, a começar pelo título, que leva o nome que a morta-viva acolheu como seu. No início do livro, Sethe narra alguns acontecimentos relacionados ao enterro da filha, lamentando-se por ter vendido o próprio corpo para poder pagar as despesas com a sepultura. Sobre a lápide da bebê – sem nome, mas já engatinhando – havia apenas uma inscrição, as únicas cinco letras que a mãe pode pagar ao entalhador: AMADA. O pagamento, em sexo, foi feito em cima da terra onde a filha foi enterrada, adicionando ainda mais remorso à consciência de Sethe. Quando 18 anos depois, a morta-viva volta, ela decide adotar um nome próprio. Amada exige que a mãe o repita, que a batize com o nome que somente a morte lhe atribuiu, aquele que está inscrito sobre a sua lápide: AMADA.

Além disso, Selo Pago, Baby Suggs, Sethe são também nomes expressivos tanto pela história por trás deles como pelo sentido metafórico que carregam. Seth, por exemplo, no relato bíblico, é o terceiro filho de Adão. Concebido após a morte de Abel, Seth seria aquele de quem sairia a nova descendência de homens justos na Terra. A posição de patriarca, na narrativa bíblica, é deslocada na prosa de Morrison. Diante da presença fantasmagórica de Halle, desaparecido desde a noite em que os homens beberam o leite da esposa, Sethe é a matriarca, a mulher que gerou, amou e negou entregar os filhos à escravidão.

De volta ao 124, Sethe narra a Paul D uma das cenas mais traumáticas retidas em sua memória: a imagem do homem pendurado em seu seio, roubando e bebendo o leite que deveria ser dado à filha, que ainda recém-nascida havia fugido ao lado dos dois irmãos mais velhos. Grávida de Denver, Sethe não consegue partir com os filhos e o marido como havia planejado. É capturada e, por isso, acaba sendo punida pelo desaparecimento dos outros. Na conversa, Paul D lhe traz uma informação que Sethe adoraria não ter que reter na memória, Halle havia presenciado tudo, mudo e apavorado:

Sethe abriu a porta e sentou na escada da varanda. O dia tinha azulado sem o sol, mas ela ainda conseguia divisar as silhuetas negras das árvores no campo adiante. Balançou a cabeça de um lado para outro, conformada com seu

em que é emudecida, silenciada, enterrada. Ela retorna compulsivamente – na cabeça de uma sociedade culpada e que “não entende” sua história. Como Freud afirmou – na linha de Nietzsche: “o que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até encontrar resolução e libertação (LAPLANCHE E PONTALIS 1988:126)” (SELIGMANN-SILVA, p. 73)

cérebro rebelde. Por que não havia nada que seu cérebro recusasse? Nenhuma miséria, nenhuma tristeza, nenhuma imagem odiosa detestável demais para aceitar? Igual a uma criança gananciosa, seu cérebro agarrava tudo. Uma vez só não poderia dizer: não, obrigada? Detestei e não quero mais, não? Estou cheia, droga, de dois rapazes com musgos nos dentes, um chupando o peito, o outro me segurando, o professor leitor de livros olhando e escrevendo. Ainda estou cheia disso, droga, não posso voltar atrás e juntar mais coisas. Juntar meu marido a isso, olhando, acima de mim, no sótão – escondido perto –, no único lugar em que achou que ninguém ia procurar, olhando aquilo que eu não conseguia nem olhar. E sem fazer nada – olhando e deixando acontecer. Mas meu cérebro ganancioso diz: ah, obrigada, eu adoraria um pouco mais – então, me dê mais. E quando isso acontecer, não dá mais para parar. (p. 110)¹⁵

Nenhuma cena daquele dia é narrada em detalhes: como descrever o horror? É possível indagar se houve ou não estupro, se as cicatrizes nas costas de Sethe estão ou não relacionadas a esse evento, se Halle sobreviveu e o que exatamente ele teria visto naquela noite: o narrador não responde a todas as questões que a história de Amada suscita. A sua lente multifocal parece embaçar e perder o foco. No fragmento, observamos uma amostra da técnica narrativa do romance: o narrador absorve a voz de Sethe pelo uso do discurso indireto livre, entretanto, mesmo absorvendo a sua voz, invadindo o seu cérebro, sua memória, seus pensamentos, as perguntas que o leitor coloca continuam a não serem respondidas. O silêncio do narrador e de Sethe, somado à inquietação transferida para o corpo da mulher que balançava a cabeça de um lado para o outro, é o sinal de que talvez tenha algo de intraduzível no conteúdo da conversa, que há uma parte dessa história que resiste à narração.

Contudo, diante de toda essa resistência à narração, há algo intrigante no plano metonímico, um significante que insiste em ser pronunciado por Sethe: o leite, o leite que eles roubaram. “Leite negro da aurora bebemos-te à tarde, bebemos-te cedo e no dia bebemos-te à noite e bebemos bebemos”, Paul Celan reverbera na leitura de Morrison. Sethe replica uma

¹⁵ “Sethe opened the front door and sat down on the porch steps. The day had gone blue without its sun, but she could still make out the black silhouettes of trees in the meadow beyond. She shook her head from side to side, resigned to her rebellious brain. Why was there nothing it reused? No misery, no regret, no hateful picture too rotten to accept? Like a greedy child it snatched up everything. Just once, could it say, No thank you? I just ate and can't hold another bite? I am full God damn it of two boys with mossy teeth, one sucking on my breast the other holding me down, their bookreading teacher watching and writing it up. I am still full of that, God damn it, I can't go back and add more. Add my husband to it, watching, above me in the loft--hiding close by--the one place he thought no one would look for him, looking down on what I couldn't look at at all. And not stopping them--looking and letting it happen. But my greedy brain says, Oh thanks, I'd love more--so I add more. And no sooner than I do, there is no stopping.” (MORRISON, 1995, p. 71)

vez mais: era imperdoável o que aqueles homens fizeram com seu leite. O tempo não fez mais do que o azedar. Sob o véu do significante rancoroso pronunciado pela mulher, o único que não foi recalcado naquela cena, escondem-se muitos outros. Pois, quando se fala em maternidade, não foi só o leite das mulheres escravizadas que eles roubaram, roubaram-lhes também os filhos, vendendo-os sem nome, roubaram o tempo com eles, o prazer de vê-los crescer, roubaram ainda o amor materno que poderiam um dia ter sentido. O laço afetivo era o primeiro a ser cortado, era necessário privar a criança escravizada da presença da mãe, da presença de qualquer membro da família. Por isso, ela era vendida cedo, amamentada por uma ama de leite que também foi privada de amamentar o próprio filho. No romance de Morrison, essas crianças sem nome, sem leite e sem mãe – ressentidas – voltam na figura encarnada de Amada.

VI

Nas malhas e entrelaçamentos silenciosos de Amada, algo de caráter “histórico” foi contado ao leitor de Morrison. Podemos voltar a Nietzsche, que nos devolve Abraão, o homem de Deus que não emolou o próprio filho por graça divina. Isaac, o filho a quem este tanto amou, sobreviveu, teve uma vida longa e feliz, morreu velho ao lado de seus filhos e de sua esposa. Amada não teve o mesmo destino, assim como muitos escravizados esquecidos pelo tempo. Na cena da leitura, como mortos-vivos, eles se instalaram. Sabe-se menos de Margaret Garner do que se sabe dessas mulheres e homens sem nome a quem buscamos escutar neste texto. Entretanto, podemos não saber nada da vida que eles tiveram nos *plantations* norte-americanos, nem saber os seus nomes, nem a forma como morreram, ou a forma como sobreviveram, mas sabemos que não tiveram a mesma sorte de Isaac, pode-se presumir que se ressentiram e esse afeto se atualiza na leitura. Envenenando.

Referências

AMÉRY, Jean. **Além do Crime e Castigo**. Tentativas de superação. Trad. Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FREUD, Sigmund. **Primeras publicaciones psicanalíticas**. Volumen 3 (1893-99). Trad. José Luis Etchverry. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 1991.

GALLE, Helmut. O testemunho como ensaio – o ensaio como testemunho: Jean Améry nos limites do intelecto. **Remate de Males**, Campinas, v. 37, n. 2, p. 639-669, jul.-dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v37i2.8648712>

GAGNBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas-SP: Unicamp, 2004.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E.; SANTOS, A.R. (2012). Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE. DESAFIOS E PERCURSOS NA CONTEMPORANEIDADE, 3. **Anais...** Disponível em http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf Acesso em 19 de setembro de 2019

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MORRISON, Toni. **Amada**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORRISON, Toni. **Beloved**. New York: Penguin Books Ltd, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005.